

Coimbra Menina e Moça

MEMÓRIA DE 1969 NAS «MONUMENTAIS»

A memória da crise académica de 1969, ainda há bem pouco tempo recordada no «Jornal de Notícias», pelo José Gomes Bandeira, esteve, embora indirectamente, neste fim de festa da Bienal Universitária de Coimbra/15.º SITU, que ontem teve lugar. Além da apresentação do Piccolo Teatro di Pontevedra, com a peça «A grande noite», o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) e o grupo polaco Cena Plástica ocuparam as escadas monumentais de Coimbra, numa acção jamais tentada com tanta espectacularidade, depois da intervenção conseguida no mesmo local pela GNR em 1969.

Em 1969, em plena greve dos estudantes, que lutavam por uma universidade

taia. Ontem foram os estudantes que ocuparam aquele espaço, em luta por um

/Cena Plástica, o espectáculo foi apenas o aproveitamento daquele espaço cénico já existente.

A ideia central desta acção foi desenvolvida a partir da sugestão de drama que a monumentalidade das escadas proporciona, ao impor, como milhares de estudantes sabem, uma penosa subida (são 125 degraus!), tão penosa que a cada lanço de 25 degraus se segue um patamar inequivocamente necessário.

● «Teatruniversitário» — número 13

Tal como a crónica de hoje, também o 13.º número da «Teatruniversitário» —

Por JÚLIO ROLDÃO

Nesta edição 13.ª da «Teatruniversitário», dois trabalhos merecem ainda referência: uma reflexão de Jacques Albert-Canque, director do grupo 33 (uma das presenças da «Bienal»), sobre a experiência que tem vindo a desenvolver neste grupo; e uma entrevista a Roberto Bacci, director do Centro de Pesquisa Teatral de Pontevedra, a que pertence o Piccolo Teatro de Pontevedra.

Esta entrevista, que a «Teatruniversitário» reproduz, foi conduzida por outro nome sonante do teatro italiano, Dario Fo, o que constitui mais um atractivo para a leitura.

● O começo do balanço

A revista «Teatruniversitário» dedicada a BUC 15.º SITU inclui, também, a terminar, um pequeno texto, que pode ser considerado o começo de um balanço necessário, já com algumas respostas orientadas no sentido da defesa deste festival.

Sem estar assinado, este texto tem a marca de António Augusto Barros, director da revista «Teatruniversitário» e um dos impulsionadores das SITU's desde a primeira edição em 1978.

«Este festival foi uma marcha contra o tempo, a indiferença, a falta de definição político-cultural, o improvisado, o estatismo imóvel, a inércia e o desinteresse», começa por escrever o «anónimo» articulista.

«Para além das excepções que, sintomaticamente, começam a aparecer — prossegue — este festival depurou a cada passo com a incompreensão quanto aos seus objectivos e o alcance da sua importância no futuro — no nosso país a desconfiança e incredulidade procuram afanosamente cortar certo o que é novo e pujante».

«Apóiam-se em projectos que já se repetiram mil vezes e que, de tanto esperar confirmação, envelheceram irremediavelmente» — lê-se ainda neste primeiro artigo/reflexão, que termina significativamente com uma pergunta: e que vai acontecer se a «Bienal» acaba?



Escadas monumentais, Coimbra: em 1969 (foto), a GNR; em 1985, os estudantes.

nova, a Guarda Nacional Republicana ocupou a cidade, reforçando os efectivos em várias zonas, entre as quais as escadas monumen-

teatro novo, na busca de novas formas de acção teatral. Para Leszek Madrik, o coreógrafo polaco que assinou esta «performance» TEUC-

um especial dedicado à Bienal de Coimbra — que ontem saiu, «e feito de memórias, fichas de leitura antigas e recentes e de escritos feitos de propósito a pensar na quinta edição da SITU».

Subordinada ao tema «Da ideia da experiência em teatro» este luxuoso número da «Teatruniversidade» uma revista do TEUC, inclui três textos sobre o tema, um de Bertold Brecht, datado de 1939, um segundo de Umberto Eco, publicado em 1962, e uma entrevista a Bob Wilson, conduzida por Laurence Shyer, publicada na revista «Theatre Magazine».